

**LUGAR DE FALA:
DESESTABILIZANDO O FEMINISMO
HEGEMÔNICO E O SISTEMA DE
AUTORIZAÇÃO DISCURSIVA**

*LUGAR DE FALA: DESESTABILIZANDO
EL FEMENISMO HEGEMÓNICO Y
EL SISTEMA DE AUTORIZACIÓN
DISCURSIVA*

Jaqueline Cardoso Zeferino 1

Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação da **1**
Universidade Federal de Santa Catarina (2017). Mestre pela Universidade
Federal de Viçosa/UFV na linha Aspectos Socioculturais do Movimento
Humano (2010). Especialização em Estudos Afro-brasileiros pela Pontifícia
Universidade Católica de Minas Gerais (2009). Graduou-se em Educação Física
pela UFV (2005). Professora Adjunta do Departamento de Educação da UFV,
no curso de Licenciatura em Educação do Campo. Coordenou o Programa de
Extensão Universitária Redemoinhos: circulação de saberes e fazeres para a
Promoção da Igualdade Racial (2014-2016).
E-mail: jaquelinecardosoufv@gmail.com

RIBEIRO, Djamila. O que é lugar de fala? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017, 111p.

Djamila Ribeiro, mulher negra, feminista e filósofa, nasceu nos anos de 1980 na cidade de Santos no estado de São Paulo. Graduiu-se em filosofia e tornou-se mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) em 2015, com dissertação sobre as contribuições de Simone de Beauvoir e Judith Butler sobre os limites da reflexão em relação a ação política do feminismo. Em 2016 foi secretária-adjunta de Direitos Humanos da prefeitura de São Paulo, e atualmente pode ser considerada uma das intelectuais brasileiras mais influentes para os feminismos negros, tanto pela sua expressiva atuação nas redes sociais, quanto pelo caráter engajado, político e provocador de seus textos que abordam de maneira objetiva, didática e acessível temas que tencionam e desestabilizam o feminismo hegemônico e o sistema de autorização discursiva, assuntos abordados em seu recente livro *O que é Lugar de fala?*.

Com vendas a um preço acessível em bancas de jornais, sites e livrarias, o livro é o primeiro da Coleção Feminismos Plurais, organizada pela autora e editada pela Letramento através do selo Justificando. A Coleção pretende a partir de referenciais outros, pautar questões que são essenciais para a o rompimento da narrativa dominante sobre temas como encarceramento em massa, empoderamento, colorismo, interseccionalidade, racismo estrutural, entre outros, que iluminam a localização e as vozes de grupos subalternizados e desestabilizam lugares hegemônicos.

O livro em formato bolso e excelente diagramação, conta com apresentação, quatro partes e ao fim, mais 12 páginas de notas que indicam apontamentos e aprofundamentos sobre conceitos, categorias, temas, produções, além de apresentar algumas das intelectuais com as quais a autora dialoga intensamente ao longo do texto, em especial as feministas negras latinoamericanas. A primeira parte, *Um Pouco de História*, como indicado no título situa os percursos de intelectuais e de luta de mulheres negras ao longo da história. Para tanto, elege o discurso *E eu não sou uma mulher?* de Sojourner Truth, abolicionista afro-americana, escritora e ativista dos direitos da mulher, que em 1851 durante a convenção dos Direitos da Mulher nos EUA, vai ao púlpito e evidencia “*um grande dilema que o feminismo hegemônico viria a enfrentar: a universalização da categoria mulher*” (RIBEIRO, 2017, p. 21) e a invisibilidade construída sobre a produção e atuação de feministas negras desde o período escravocrata. Ao negritar o ponto de partida, a autora introduz a reflexão central do livro: o lugar de fala e o rompimento com o regime de autorização discursiva.

Djamila Ribeiro problematiza a partir de e com as feministas negras Giovana Xavier, Lelia Gonzalez, Linda Alcoff e bell hooks, o motivo pelo qual estas “*vozes esquecidas pelo feminismo hegemônico demoraram tanto a serem ouvidas*” (RIBEIRO, 2017, p. 24). Assim, em diálogo intenso com as intelectuais negras, discute a hierarquização de conhecimentos como produto da classificação racial e aponta a urgente e necessária interrupção de vozes hegemônicas privilegiadas socialmente e no campo epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco, masculino cis e heteronormativo. A partir da localização dos grupos nas relações de poder, a autora argumenta sobre a “*importância epistêmica da identidade, pois reflete o fato de que experiências em localização são distintas e que a localização é importante para o conhecimento*” (RIBEIRO, 2017, p. 29).

Na segunda parte, nomeada *Mulher Negra: O Outro do Outro*, a autora apresenta a categoria *Outro* beauvoriano e a partir da interlocução com a intelectual e artista portuguesa Grada Kilomba, amplia e aprofunda a reflexão, indicando o reconhecimento do *status oscilante* de homens negros e mulheres brancas que possibilita enxergar não só as especificidades destes grupos em relação às mulheres negras, como também rompe com a invisibilidade destas últimas que, para a autora, ocupam um lugar subalternizado na sociedade supremacista branca “*muito mais difícil de ser ultrapassado*” (RIBEIRO, 2017, p. 44).

A filósofa ainda argumenta, a partir das contribuições de Sueli Carneiro, em defesa da categoria *mulheres negras*, do deslocamento do pensamento hegemônico e da resignificação de identidades, sejam de raça, gênero e classe para que lugares outros de fala possam ser construídos com o objetivo de possibilitar voz e visibilidade a sujeitos submersos na normatização hegemônica. Como reflexão fundamental, a autora aponta o fato de que “*quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida*” (RIBEIRO, 2017, p. 43), logo, a partir do conceito de *outsider within* de Patricia Hill Collins, a autora afirma que “*definir-*

se é um status importante de fortalecimento e de demarcar possibilidades de transcendência da norma colonizadora.” (RIBEIRO, 2017, p. 44).

Em seu texto, Dijamila Ribeiro tenciona o feminismo hegemônico, e diz que as mulheres negras ao ocuparem o movimento feminista como *forasteiras de dentro* possuem um ponto de vista especial por enxergarem a sociedade através de um espectro mais amplo o que proporciona uma *potência criativa*. Assim, com Ana Angélica Sebastião argumenta que as feministas negras estão preocupadas não apenas com as opressões que lhes atinge, mas “*estariam discutindo e disputando projetos*” (RIBEIRO, 2017, p. 49). Deste modo, a autora localiza que o ponto de partida dos feminismos negros é resultante do lugar social que ocupam e das experiências comuns partilhadas. Ainda nesta parte do livro, com Audre Lourd discute a *evasão da responsabilidade das mulheres brancas* que ao não demarcarem seus pontos de partida seguem reproduzindo opressões contra mulheres negras. Sugere o reconhecimento de que nós mulheres partimos de lugares diferentes de fala posto que experienciamos gênero de modos diferentes.

Assim, articulando diferentes categorias, conceitos e autoras, Djamilia Ribeiro finaliza a segunda parte do livro e inicia a terceira na qual discute o que é *O Lugar de Fala* a partir das discussões sobre *feminist stand point* propostas por Collins. Enraizada na perspectiva de que as “*experiências de grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizado*” (RIBEIRO, 2017, p. 63), a autora problematiza a imposição de um *locus social* a determinados grupos, além de destacar que indivíduos pertencentes a grupos específicos partilham experiências similares, mas não iguais. Portanto, fixar experiências individuais como representativas do grupo bem como validá-las como ponto de vista privilegiado, prejudica o entendimento do que é o lugar de fala.

Como explica a autora a partir de Quilomba, “*o lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas*” (RIBEIRO, 2017, p. 69-70). Portanto, a teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala apresentadas pela autora na terceira parte do livro, além de refutar uma visão universal de mulher, de negritude, e outras identidades, “*faz com que homens brancos, que se pensem universais, se racializem, e entendam o que significa ser branco como metáfora do poder*” (RIBEIRO, 2017, p. 69-70). Assim, o lugar de fala busca romper com o *regime de autorização discursiva*, lembrando-nos que *todos/as falam de algum lugar*. Situá-lo, portanto, torna-se necessário para promover escuta e *multiplicidade de vozes*.

Com Luisa Bairros, a autora discute como mulheres negras experienciam de diferentes maneiras suas identidades e opressões. Segue interpelando sobre autorização discursiva em diálogo com Gayatri Spivak, Collins, Quilomba e Conceição Evaristo, para quem a fala da mulher negra força e estilhaça a máscara colonial de imposição do silêncio. Nesta terceira parte do livro, questões instigadoras são debatidas: quem está autorizado/a a falar? Sobre o que se pode falar? Com quem e para quem? Quem não quer escutar? O que não se quer escutar? Esta última questão mostra-se potente por abrir um campo de possibilidades reflexivas inspiradas em Quilomba: “*é necessário escutar por parte de quem sempre foi autorizado a falar*” (RIBEIRO, 2017, p. 78).

A última parte, *Todo Mundo tem Lugar de Fala*, aborda a assertiva de que todas as pessoas têm lugar de fala uma vez que se trata de localização social entendendo que esta não é sinônimo de representatividade, autora responde a crítica de que o conceito de lugar de fala visa restringir, impor visões ou encerrar discussões. Neste tópico, também apresenta a três determinações do conceito de epistemologia para Quilomba. Assim, em profunda interlocução com feministas negras, Djamilia Ribeiro nos convida a pensar o lugar de fala enquanto ferramenta potente capaz de romper com o postulado do silêncio instituído para quem foi subalternizado/a. Reivindicar o lugar de fala é interpelar o grupo que está no poder, que “*sempre teve voz e nunca precisou reivindicar sua humanidade*” (RIBEIRO, 2017, p. 90), convocando sua localização e escuta, negligenciada pelo menos, nos últimos 500 anos.